

RESENHA

VIANA, Nildo (org.). *Escritos Revolucionários Sobre a Comuna de Paris* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2013, 226 p.

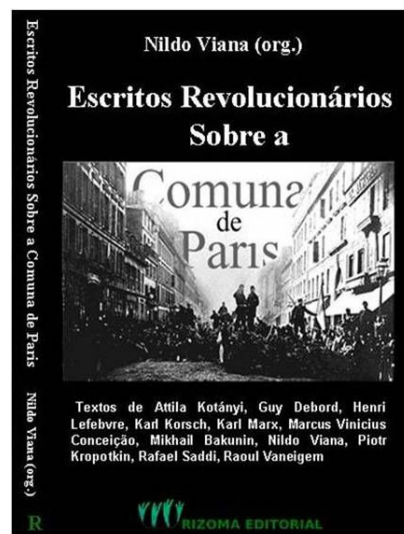
Façamos nós com nossas mãos: a Comuna de Paris para além do Estado

JOÃO GABRIEL DA FONSECA MATEUS*

Reconstruir uma historiografia que parta de novos paradigmas para interpretar a Comuna de Paris é algo essencialmente necessário nos estudos históricos recentes. Em tempos de negação de organizações burocráticas esta obra se insere como uma produção teórica libertária vinculada a historicidade da luta de classes. Este é um dos méritos da obra que o leitor tem em mãos em sua segunda edição.

O sociólogo Nildo Viana organiza uma coletânea de textos sobre a Comuna de Paris com um prisma que é transversal entre todos os escritos: a interpretação revolucionária da Comuna de Paris.

Assim sendo, quando o anarquista francês Eugène Pottier¹ escreveu o poema que se transformará no hino da A.I.T. (Associação Internacional dos Trabalhadores), ele reafirma em um dos seus versos o caráter de potencialidade insurgente dos trabalhadores para erigir *uma terra sem amos*. Assim dito, abaixo estão alguns apontamentos dos aspectos mais relevantes de uma obra que se propõe a discutir o acontecimento mais importante para a luta histórica da classe trabalhadora de maneira *libertária*, que aqui se confunde com o termo *revolucionário*.



O organizador da obra em diversos momentos apresentou uma concepção libertária da Comuna². Em todas essas, ressalta-se a interpretação de que a Comuna foi uma *abolição do Estado* (termos de Bakunin) ou, a forma encontrada do *autogoverno dos produtores* (nas palavras de Marx).

Embora o foco da obra seja em reunir textos sobre a Comuna de Paris de 1871, seu potencial vai além da temática geral e apresenta concepções variadas sobre a primeira experiência autogestionária da história da classe trabalhadora aproximando autores e distanciando outros.

No artigo intitulado *A Comuna de Paris* de Karl Marx (escrito conhecido mundialmente) nota-se uma concepção de que o acontecimento é uma *esfinge que tanto atormenta o espírito burguês*. Sua tese central fora publicada em *A Guerra Civil na França* onde o autor aponta com veemência o papel da Comuna como a “forma política afinal descoberta para levar a cabo a emancipação econômica do trabalho” (MARX, 1986, p. 76).

Sob a análise de Nildo Viana no texto *Karl Marx e a Essência Autogestionária da Comuna de Paris* bem como em *A Comuna de Paris segundo Marx e*

Bakunin notamos a interessante aproximação de Bakunin e Marx como um autogoverno proletário que assaltou o céu (p. 80)

Torna-se necessário salientar que os escritos de Marx sobre a Comuna configuram-se como uma revolução em sua própria teoria fazendo-o “repensar o processo revolucionário e assumir uma posição definitivamente autogestionária” (VIANA, 2011a, p. 66) aproximando suas teses às de Bakunin, anarquista contemporâneo de Marx que se tornará no seu maior e principal adversário no interior da Internacional³.

Antes de prosseguirmos, será oportuno apontar que o texto do anarquista russo contém divergências (o papel dos indivíduos revolucionários frente às classes potencialmente revolucionárias, por exemplo) e confluências (a interpretação da destruição do Estado e a forma de organização libertária momentânea da classe trabalhadora francesa) com as teses de comunista alemão (p. 56). Estas concepções aparecem mais claramente e de formas diretas se analisarmos *A Comuna de Paris e a Noção de Estado*.

Parte relevante do trabalho de Rafael Saddi no texto *Bakunin e a Comuna de Paris* está em fazer a relação dinâmica dos escritos anteriores e posteriores do autor russo sobre a sua concepção de teoria da revolução social. Eminente delator das autoridades e do despotismo de qualquer espécie, Bakunin entende (próximo à concepção de Marx) que a Comuna nada mais foi do que a abolição do Estado.

O pano de fundo do próximo texto da obra é trazer a interpretação libertária de outro anarquista russo: Piotr Kropotkin. Em *A Comuna de Paris*, Kropotkin afirmará que uma revolução social só será concretizada quando *tiverem*

abolido totalmente a propriedade do governo, e o Estado (p. 124). Outro aspecto importante da análise de Kropotkin está nas *lições de 1871*, assim reunidas: estratégias dos *communards* e o papel de uma organização comunal, a ação autônoma e a necessidade de fim da propriedade privada e do Estado, a importância da teoria – ideias – em um acontecimento revolucionário e dos círculos militantes (minorias revolucionárias) na insurgência. Em outro momento da obra, Nildo Viana analisará a interpretação de Kropotkin sob o título *Kropotkin: A Comuna de Paris e o Comunismo Anarquista*.

Por ser parte indispensável desta obra, os textos *A Comuna Revolucionária I e A Comuna Revolucionária II*, ambos do marxista alemão Karl Korsch, rebate e reconstrói várias interpretações sobre esse acontecimento. No contexto em que escreve a obra, Korsch (p. 152) ressalta a importância de refazer uma análise histórica mais profunda e orientadora da comuna revolucionária de Paris. Obviamente que todo autor tem problemas e equívocos. Por tal razão que Nildo Viana em *Karl Korsch e a Comuna Revolucionária* irá criticar alguns pontos da análise de Korsch: relações entre poder aos conselhos e relação com a Rússia bolchevique; a ideia de conselhos e a organização comunal como algo superado; a relação entre comuna de Paris e comunas burguesas, etc. (p. 173).

Para a obtenção de seus propósitos a obra continua com o texto de três autores clássicos do situacionismo (Guy Debord, Attila Kotányi e Raoul Vaneigem) com o texto *Teses Sobre a Comuna de Paris*. Nesse escrito, originalmente publicado em 1962, os situacionistas irão elaborar 14 teses apresentando uma unidade em ambas, o

seu caráter insurrecional e necessário nas lutas da classe trabalhadora.

Henri Lefebvre com o texto *A Importância e Significado da Comuna* é um texto que contém problemas mais sérios da obra. Além deste autor se colocar, em muitos aspectos, em contradição às teses recorrentes dos outros textos dessa coletânea, ele é acusado de plágio, conforme Marcus Conceição no seu texto sob o título de *Plágio, Cotidiano e Revolução nas Análises sobre a Comuna na França* (p. 217). O texto que fecha a obra ressalta para além dos conflitos sobre a autoria do texto a relação próxima que Lefebvre tinha com o leninismo, reconfigurando a velha tese de um Estado Proletário.

Enfim, a riqueza da obra organizada por Nildo Viana está justamente na grande quantidade de autores aqui reunidos que formam um contributo de reconstruir historicamente, sob diversas tendências, a Comuna de Paris sobressaindo frente a outras correntes por apresentar uma concepção autogestionária da história, se assim podemos chamar.

Referências

MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Global, 1986.

VIANA, Nildo (org.). *Escritos Revolucionários Sobre a Comuna de Paris* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2013.

Recebido em 2013-03-19

Publicado em 2013-07-06

* **JOÃO GABRIEL DA FONSECA MATEUS** é aluno do curso de Especialização em História Cultural da UFG. É autor do livro *Educação e Anarquismo: Uma perspectiva libertária* (Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2012). Atualmente é professor da rede privada de Goiânia. Membro do corpo editorial da Revista Espaço Livre e do NUPAC (Núcleo de Pesquisa e Ação Cultural).

¹ Eugène Edine Pottier (Paris, 1816 - 1887).

² Para ver alguns desses escritos: VIANA, Nildo. A Comuna de Paris Segundo Marx e Bakunin. *Letralivre*, Rio de Janeiro, v. 10, n.41, p. 23-27, 2004; VIANA, Nildo. Marx e a Essência Autogestionária da Comuna de Paris. *Revista Espaço Acadêmico (UEM)*, v. 10, p. 56-66, 2011a; VIANA, Nildo. Comuna de Paris, Interpretações e Perspectiva de Classe. *História Revista* (UFG. Impresso), v. 16, p. 31-61, 2011b; VIANA, Nildo. O Significado Político da Comuna de Paris. *Em Debate* (UFSC. Online), v. 6, p. 60-82, 2011c.

³ Queremos chamar atenção para os leitores que o conflito entre Marx e Bakunin fora fruto de várias questões e não meramente uma divergência de teses (de um lado *o libertário* e de outro, *o autoritário*). Para esse conflito, ver: SADDI, Rafael. Ditadura do Proletariado ou Abolição do Estado? o conflito conceitual entre anarquistas e marxistas. *Revista Enfrentamento*, v. Ano 04, p. 14-24, 2009.